

ROGÉRIO FERNANDES DA SILVA

**A PRAÇA DOS EX-COMBATENTES:
*MEMÓRIA E ESQUECIMENTO.***

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

FFP/2003

ROGÉRIO FERNANDES DA SILVA

**A PRAÇA DOS EX-COMBATENTES:
*MEMÓRIA E ESQUECIMENTO.***

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do título de graduação em Licenciatura Plena em História, pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Souza Magalhães.

São Gonçalo/2003

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
APRESENTAÇÃO	6
INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I A CONSTRUÇÃO DA FEB. A modernização das Forças Armadas.....	9
CAPÍTULO 2 A PRAÇA E OS SEUS DISCURSOS. O civismo militarizado	16
CAPÍTULO 3 OS EX-COMBATENTES EM SÃO GONÇALO. Leis, lutas e projetos ..	27
CAPÍTULO 4 A MEMÓRIA MONUMENTAL. Suas apropriações	39
CONCLUSÃO	45
FONTES	48
BIBLIOGRAFIA	48
ANEXOS	52

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem ele nada do que eu fiz seria possível, por isso minha eterna confiança é depositada Nele.

A minha família, minha mãe Maria das Graças Fernandes da Silva e ao meu irmão Fabio Fernandes da Silva, a este apoio primeiro, mesmo que muita das vezes não compreendam sua extensão. A minha tia Sônia e sua família pelas recepções em sua casa quando eu precisava de descanso ou alimentação. Agradeço também aos meus amigos de faculdade que me incentivaram, em especial ao Bruno, Alexandre, Fátima, Lídia, Daniela, Rui, Elizângela, Vanessa e muitos outros que passaram por minha vida acadêmica aos quais não lembro.

Aos meus colegas de turma, por me agüentarem nesses quatro anos de formação acadêmica, eu sei que não é fácil. A todas as senhoras do grupo de Oração Esperança, que me ajudaram de todas as maneiras possíveis, em especial a Dona Ana Santos e a Dona Guiomar.

Agradeço ao presidente da associação dos ex-combatentes de São Gonçalo, o senhor Silvio Matos, que prontamente me recebeu e me ajudou em minhas indagações e também aos demais ex-combatentes vivos que a todo custo tentam manter sua memória para a posteridade. Às Donas Maria Alzira Correa de Mello Gomes e Maria Lúcia Soares dos Santos Couto, funcionárias da Câmara dos Vereadores, que me auxiliaram no manuseio dos Anais da Câmara Municipal, sem elas não seria possível uma boa análise da história de São Gonçalo. Dona Alzira, principalmente, é uma figura recorrente na busca de informações sobre o município, seja esta busca feita por pesquisadores formados ou graduandos. Não poderia deixar de mencionar os professores de minha faculdade, que me orientaram e serviram de modelos para minha produção historiográfica e, principalmente, meu orientador o professor Marcelo Magalhães, um dos responsáveis pela escolha do tema.

Aos ex-combatentes da secção de São Gonçalo, principalmente a seu Silvio de Matos, atual presidente. Também ao meu amigo Vanderson, por me deixar ficar horas e horas escrevendo em seu computador, ao meu primo Carlos Alberto pela mesma graça.

APRESENTAÇÃO

O objetivo do deste trabalho monográfico é fazer um estudo sobre a história local da cidade de São Gonçalo em um determinado no período que vai de 1968 até 1996, época da tentativa de criação do museu do ex-combatente.

Meu objeto de estudo foi motivado pela minha familiaridade com este, pois usufrui, durante muitos anos do logradouro público que pesquisei: a Praça do ex-combatente. Logo no início de minha pesquisa eu tinha algumas concepções que se demonstraram erradas. Eu achava que a criação da praça dos ex-combatentes foi motivada pelos grupos políticos locais da cidade que estavam mais interessados em demonstrar sua aliança política com o regime militar do que preservar uma simples lembrança comemorativa. Com as análises das fontes escritas e as entrevistas, eu vi que estava errado, pois as motivações foram bem diferentes do que se pensava. A praça e a sua associação nasceram do interesse de alguns indivíduos que queriam preservar uma memória e passá-la para a coletividade. As relações de amizade possibilitaram as lutas para a construção do memorial gonçalense.

INTRODUÇÃO

Meu estudo tem como objeto de análise a praça e sua associação, ambas dedicadas aos ex-combatentes da 2ª Guerra Mundial, a praça possui uma seção da associação dos ex-combatentes do Brasil, que fica ao seu lado.

Considero os dois objetos, a praça e a associação, como monumentos unidos num mesmo fim, para a preservação de uma memória, e como documentos de uma história particular da cidade. Estes dois monumentos seriam frutos das lutas dessa preservação memorial específica.

A praça e a associação estão localizadas na rua Francisco Portela, tendo ao fundo a rua Jaime Figueiredo, no bairro do Patronato, município de São Gonçalo, RJ.

A sua localização é muito importante pois demonstra que tipo de associações e grupos tentou atingir e o trabalho de pesquisa tentará demonstrar quais foram. A praça está de frente a uma via principal de acesso à cidade, ao lado de uma linha férrea, uma escola estadual (Walter Orlandini) e a Faculdade de Formação de Professores (UERJ-São Gonçalo), sua influência está presente atingindo determinados grupos específicos da sociedade gonçalense. Dificilmente paramos para refletir sobre o valor simbólico do que nos cerca e a praça em questão precisa ser compreendida.

Investiguei a idéia da construção do monumento aos pracinhas, procurando compreender quais foram às razões e as alianças formadas para o estabelecimento do monumento e como essas lutas políticas aconteceram. A análise dos monumentos mostraram que estes são frutos das lutas de um grupo na tentativa de preservação de sua memória. Para que tal fato fosse possível, os interesses locais (municipal e estadual) se envolveram num projeto. Certamente este projeto seria a forma visível de sua aliança com o governo Federal da época. Os grupos políticos da localidade também estavam interessados

em sua construção, pois esta permitiria uma urbanização do local com objetivos históricos. Os laços de amizades políticas permitiram o andamento do projeto.

O recorte cronológico começa pouco antes da fundação da praça e da associação de São Gonçalo, num período que corresponde a 1968 e vai até 1996, época da criação da nova sede e do museu.

Analiso o poder simbólico desse monumento, em específico, para tentar demonstrar que foi utilizado nele a concepção de que existe espírito de sacrifício cívico de nossas forças armadas, e com isso foi utilizado para legitimar assim nas consciências das pessoas a certeza de a Pátria estava sendo bem governada. A força de seu significado tem um objetivo a cumprir mas isso não quer dizer que todos tiveram o mesmo sentido dele, os usuários do local, poderão encontrar vários sentidos.

Um é de um grupo que pretende preservar sua memória, outro sentido é o da vigilância, este objetivo será atingido pelo olhar que se reafirma com contato diário, pois o monumento está bem localizado estrategicamente. E, por último, o monumento passa a ser uma narrativa histórica para São Gonçalo.

A proposta secundária desse trabalho de pesquisa é demonstrar como esse monumento serviu, simbolicamente, para que o poder estabelecido demonstrasse sua presença vigiando o cotidiano das pessoas. Outro aspecto da monografia é de questionar se o significado inicial foi preservado e como atualmente as pessoas se apropriam do monumento. A praça e a associação dos ex-combatentes são locais de encontro da população, onde há eventos cívicos, recreativos e religiosos.

Procurro demonstrar através do estudo desse monumento que há diversas possibilidades de análise para a história local de minha cidade.

CAPÍTULO I - A CONSTRUÇÃO DA FEB

A modernização das Forças Armadas

A criação da FEB

Para começarmos a análise é preciso então conhecer um pouco da história que motivou a criação da FEB, porém não é este meu objetivo principal por isso no me aprofundarei em por menores.

No início da Segunda Guerra o Brasil possuía uma população com cerca de quarenta milhões de habitantes. O regime republicano brasileiro era instável e não trouxe o progresso que prometera. A infra-estrutura do país era deficitária não atendia toda a população. O seu sistema de educação não funcionava, por isso níveis alarmantes de analfabetismos. O Brasil era um país essencialmente agrícola, monocultor e totalmente dependente das taxas internacionais do café¹. O país era extremamente atrasado em todas as áreas e necessitava de apoio externo para se desenvolver e o parceiro que se demonstrou mais próximo foi os Estado Unidos. O Brasil, no início da 2ª Guerra, adotar uma posição de neutralidade, pois comercializava tanto com os Estados Unidos quanto com a Alemanha. As duas potências compravam grandes quantidades de produtos agrícolas, especialmente o café.

Porém, desde o início do século XX os EUA haviam ampliado sua influência econômica, política e cultural sobre a América Latina. A ajuda em termos de material bélico e, também, financeira americana influenciou na nossa participação na 2ª Guerra Mundial. Proposta na Conferência Pan-Americana de 1933, em Montevideu, a Política de Boa vizinhança só foi adotada oficialmente na Conferência de Cuba, em 1940, no momento

¹WAACK, Alexandre Paulo Auler. *Entre a Glória e a infância: novas perspectivas para a Força Expedicionária Brasileira*. 2002. 128 f. Monografia (graduação de Licenciatura em História) – Faculdade de Formação de Professores, UERJ, São Gonçalo, 2002. p 114.

que os americanos necessitavam expandir mercados na América Latina para seus produtos industrializados. Tentaram assim esquecer, ou deixar de lado, a política do *Big Stick*, mas isso não durou muito tempo, pois o velho porrete voltaria nos anos de Guerra Fria. Nos anos de 1930, o presidente norte-americano Franklin Roosevelt foi o porta-voz das novas relações pretendidas. Os americanos também desejavam diminuir a influência do Eixo na América Latina, visto que muitos países simpatizavam com a Alemanha. Franklin Roosevelt visitou cinco vezes a América Latina, sendo que duas vezes o Brasil, aumentando as relações culturais. Em 1943, o nosso país declarou guerra ao Eixo.

A entrada efetiva do Brasil no conflito foi provocado pelo massacre promovido pelos submarinos nazistas. Até julho de 1942 o país já havia perdido, 13 navios que faziam comércio com os Aliados, afundados por submarinos alemães. Contudo, no mês de agosto, um fato provocou comoção nacional, o afundamento de cinco navios e um veleiro, obra de um único submarino, o *U-507*, quando houve muitas vítimas fatais. As rádios e os jornais noticiaram exaustivamente, com os relatos emocionados das famílias das vítimas e dos sobreviventes. A população exigiu a participação do país no conflito, foi a justificativa que o Estado precisava. Em 31 de agosto, o presidente Getúlio Vargas baixou um decreto declarando estado de guerra em todo território nacional.

A fragilidade e a falta de estrutura das Forças Armadas brasileiras eram evidentes. Os militares estavam mal-preparados psicologicamente e operacionalmente e tiveram que receber treinamento, armamento, munição, fardamento e alimentação, dos norte-americanos².

As Forças Armadas que voltaram da 2ª Guerra pouco tinham a ver com as de antes de 1939, devido às transformações que ocorreram nas instituições militares, contagiadas pelo militarismo norte-americano mais profissional e democrático³. Em acordo com o comando militar norte-americano, decidiu-se que o Brasil enviaria, em 1944, um contingente de 25 mil homens, que ficou conhecido como FEB (FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA). Foram as únicas tropas latino-americanas que lutaram no conflito mundial⁴. Dando apoio às forças de terra, seguiram 400 pilotos treinados pelos americanos.

² SOARES, Leonércio. *Verdades e Vergonha da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba, Edição do Autor., 1985. p 77.

³ BETHEL, Leslie e ROXBOROUGH, Ian (org). *A América Latina entre a Segunda Guerra e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996. p 86.

⁴ *Ibid.* p 88.

As Forças Armadas brasileiras não possuíam a estrutura necessária para combater o Reich, sendo preciso fazer uma aliança de quase dependência total com os Estados Unidos, visando à modernização da aparelhagem militar brasileira⁵.

As Forças Armadas brasileiras aprenderam a admirar os norte-americanos, aproximaram-se ainda mais deles, mantendo vínculos políticos e ideológicos que continuaram no pós-guerra.

A partir do final da 2ª da Segunda Guerra Mundial, verificamos que o regresso da FEB influenciou na abertura política. A FEB havia passado por transformações de cunho democrático, em que a rigidez foi colocada de lado (modelo disciplinar do exercito francês)⁶. Este foi um dos motivos que levaram Getúlio Vargas a extinguir a FEB e espalhar seus membros por todo o país. As tropas foram desmanteladas pelo medo de que elas se voltassem contra o próprio Vargas.

As Forças Armadas brasileiras foram muito modificadas, mudanças que foram tão radicais que podemos pensar num exército antes outro depois da FEB. Tanto sua estrutura horizontal (modelo organizacional), como sua estrutura vertical (a mentalidade dos militares) foram remodeladas. Mas as “novas” Forças Armadas foram apenas um dos elementos que ajudaram no fim do Estado Novo.

A participação dos ex-pracinhas no golpe de 64

Vários militares que lutaram nos campos da Itália deram o seu apoio ao Golpe de 64. Castelo Branco, o primeiro presidente do governo militar, foi um ex-expedicionário, servindo como tenente-coronel na campanha da Itália⁷. Muitos dos reservistas brasileiros que combateram na Itália deram apoio a ditadura. A Ditadura que era de interesse do governo dos EUA, entendida como meio de manter sua influência sobre a América do Sul. O Brasil tornou-se aliado natural dos EUA na região, conforme se consolidavam os interesses imperialistas norte-americanos na América Latina.

⁵ BONALUME NETO, Ricardo. *A nossa Segunda Guerra: Os brasileiros em combate, 1942-1945*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995. pag 14.

⁶ *Ibid.* p 217.

⁷ *Ibid.* p 218.

Os militares que voltaram da Guerra tinham, a partir daí, uma forte influência ideológica e política norte-americana. Isto se deve a profissionalização do exército em moldes norte-americanos. Os ex-combatentes tornaram-se admiradores da civilização e desenvolvimento dos Estados Unidos. Os militares governistas estavam interessados no uso político que a campanha da FEB podia proporcionar. Esta foi utilizada para engrandecer a glória militar vista como o seu mais extremado sacrifício, o de morrer pela pátria. Um sacrifício que cabia somente aos militares.

A construção da Praça do Ex-Combatente foi uma das formas de expressão política a aliança com o poder municipal, sua construção só foi possível graças ao dinheiro público. Os ex-combatentes aproveitaram dessa aliança para poderem preservar sua memória, além disso, os grupos políticos locais tentaram demonstrar a aliança com o governo federal, que era governado por militares. A construção do monumento beneficiou mutuamente os diversos grupos envolvidos, mas principalmente os ex-pracinhas, que desde a volta da Itália estavam em condições de abandono, muitos deles tendo sido relegados à indigência. Sua luta por reconhecimento foi, portanto, por muitas vezes inglória. Logo que chegaram ao país, seus pertences foram violados e roubados no Cais do Porto do Rio de Janeiro⁸. Isto poderia ser considerado como um anúncio dos tempos que viriam, em que os combatentes não obtiveram o devido reconhecimento pelo seu sacrifício em campos de batalha no exterior. Muitos dos ex-pracinhas morreram na sarjeta ou em hospitais psiquiátricos do país⁹.

Quando do retorno, ocorreram diversas comemorações. Muitos dos monumentos aos pracinhas foram logo construídos¹⁰. O sentimento Nacional se intensificou ainda mais com o retorno da FEB. A vitória na Itália fez crescer uma tendência presente na opinião pública em relação ao ideal nacionalista, tema que desenvolvi no próximo capítulo. Esse nacionalismo cresceu muito e entrou na pauta das lutas que vieram após. Lutas que defendiam interesses patrióticos, como as nacionalistas da década de 1950, que foram primordiais para a Campanha de Nacionalização do Petróleo¹¹. O discurso nacionalista se preserva até hoje nas falas dos ex-combatentes, visto que nas entrevistas atuais esse

⁸ WAACK, Alexandre Paulo Auler. *Entre a Glória e a infâmia...* op.cit. p 108.

⁹ *Ibid.* p 110.

¹⁰ Cerca de 50% dos monumentos aos ex-combatentes foram inaugurados logo em 1945 e os demais nas duas décadas seguintes.

¹¹ WAACK, Alexandre Paulo Auler. *Entre a Glória e a infâmia...* op.cit. p 111.

sentimento se demonstra ainda muito vivo. O sentimento pela Pátria ainda não esvaeceu, apesar de todas as dificuldades iniciais e o esquecimento atual, tanto das autoridades políticas quanto da comunidade. O discurso nacionalista atingiu diversos setores de nossa sociedade e a FEB tem um papel importante na construção desse discurso. Não podemos, contudo, exagerar a importância da FEB.

O historiador Gérson Moura verifica, em seu estudo, essa importância e a coloca em seu devido lugar:

*“Apesar da dedicação dos soldados brasileiros na Itália, e de seu reconhecido valor como combatente, o papel da FEB na guerra foi bastante modesto e não podia resultar no capital político esperado por muitas autoridades brasileiras... Esta defasagem, de certo modo, foi responsável pela participação direta do Brasil na guerra e suas conseqüências foram, sobretudo internas: as forças armadas brasileiras foram abastecidas de armamentos, ganharam experiência de combate como exército moderno e no geral emergiram da guerra como as mais importantes da América Latina”.*¹²

Não podemos deixar de relacionar a construção da Praça do Ex-Combatente com o momento da sua construção, em plena ditadura militar. Com certeza a conjuntura política privilegiou a concepção do monumento. O regime militar teve apoio de vários ex-pracinhas, pois o regime satisfazia os interesses econômicos norte-americanos, porém não é possível generalizar esse apoio. Mas a maior satisfação dos ex-pracinhas, tanto no monumento, como na associação estudada, foi o de ter sua memória preservada na localidade. Os grupos de ex-combatente da localidade de São Gonçalo queriam um monumento e uma associação pra uni-los entre si e assim manter sua história viva. Apesar de reclamarem do atual esquecimento pelas autoridades civis, os febianos sabem que o exército brasileiro não nega os seus valores.

¹² MOURA, Gérson. *Sucessos e Ilusões*. Editora FGV, Rio de Janeiro, 1991. p 39.

As conjecturas para o Golpe de 64

Não é possível falar da construção dos monumentos sobre as ações da FEB sem dizer que os monumentos estudados neste trabalho foram construídos na época do regime militar. Os ex-pracinhas somente conseguiram viabilizar certos projetos de construção de memória na localidade através da ajuda das Forças Armadas, que forneceram materiais para o museu e para serem expostos ao ar livre. Muito se tem dito sobre a influência democratizante da FEB sobre a sociedade brasileira. Porém, através dos trabalhos historiográficos, como as pesquisas de Ricardo Bonalume ou as de Gerson Moura, fica claro que a FEB influenciou na aceleração do processo de abertura política do Estado Novo. Tem-se dito também, alguns autores extremados, que somente através dela foi possível essa abertura política no tempo do Estado Novo, mas ao meu ver, ela foi apenas um dos diversos fatores para isso.

Mas apesar da influencia das idéias da democracia norte-americana incorporadas pelos pracinhas, as liberdades não ficaram asseguradas por muito tempo. As idéias democráticas, que penetraram através do seio do exército brasileiro, fizeram muitos dos defensores das liberdades constitucionais, mas estes defensores não conseguiram se manter por muito tempo. Ao apoiarem os golpistas, burlaram as leis do país conforme os interesses envolvidos, tudo isto culminou no Golpe de 1964.

Após a queda de Vargas, a sociedade brasileira tomou novos rumos e a experiência democrática foi retomada. O modelo desenvolvimentista adotado na década de 1950 efetuou mudanças e provocou rupturas com o projeto nacional-estatista de Vargas¹³. As transformações nas estruturas da política, da economia e da sociedade brasileira que ocorreram após a Segunda Guerra definiram os rumos das ações. Na década de 1950 os interesses das multinacionais e de seus associados (nacionais) cresceram enormemente no governo de Juscelino Kubitschek, os grupos econômicos antes dominantes foram substituídos pelo capital internacional. Estes novos agentes formaram um bloco político civil e militar para defender seus interesses, pois houve um grande crescimento na economia brasileira, mas apesar disso a economia já demonstrava sinais de cansaço; o

¹³ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura Militar, esquerdas e sociedade*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2000. p 19.

ritmo de crescimento, a inflação galopava, e os desajustes sociais tornavam-se claros por que antes estavam obscurecidos pela euforia das transformações aceleradas.

Em outubro de 1960 Jânio Quadros foi eleito com discurso ambíguo, tentando articular um leque de forças conflitantes (oligarquias, classes médias urbanas e um amplo contingente de trabalhadores). Havia grandes expectativas de mudanças, mas não foram satisfeitas pelas ações do governo de Jânio, este se apoiava em seu carisma para se manter no poder, o que não ocorreu. Jânio Quadros teve que renunciar abrindo uma crise política, pois seu sucessor direto não agradava a diversos interesses. Os ministros militares tentaram impedir a posse do vice, João Goulart, líder do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), representava a sombra da volta de Vargas, do seu projeto nacionalista que julgavam morto com ele, isso era algo temido pelas forças associadas ao capital internacional. João Goulart aproximou-se dos anseios populares, podendo reatualizar o projeto nacional-estatista.

Uma pequena parcela dos militares estava partilhando das mesmas ideais dos tecno-empresários, algumas das figuras do setor empresarial conseguiam colocar seus valores desenvolvimentistas nas publicações militares. Procurava-se uma aproximação ideológica entre militares brasileiros e empresários para eliminação das barreiras e incentivar a empresa privada no Brasil, objetivando seu desenvolvimento. A forja desse grupo militar havia começado já na experiência do combate da 2ª Guerra, em que estes voltaram impressionados com o poderio norte-americano, mais tarde essa aliança é reforçada pela participação em cursos de instrução e treinamentos nos Estados Unidos.

O movimento civil-militar que derrubou João Goulart, pois fim ao projeto político nacional-estatista que o líder trabalhista representava¹⁴. Enfim os militares brasileiros estavam influenciados pelos norte-americanos na luta contra a ameaça do comunismo no pós-guerra. Os Estados Unidos havia se tornado uma das duas potências hegemônicas. Os norte-americanos não deixariam que a América latina escapasse de suas mãos, devido à radicalização política e/ ou revolucionária, por isso suas intervenções na imposição de governos militares neste continente.

¹⁴ *Ibid.* p 14.

CAPÍTULO II - A PRAÇA E OS SEUS DISCURSOS

O civismo militarizado

O monumento

Osmar Leitão Rosa começa a construir a praça dos ex-combatentes em seu governo. Mas a praça dos ex-combatentes de São Gonçalo foi fundada no dia 24 de outubro de 1970¹⁵, pelo então prefeito da cidade José Alves Barbosa (1970) que havia assumido a prefeitura. O estilo de política não permitiu que muitas das decisões não fossem para no papel, no caso desta construção parte da história não está escrita da época nos documentos oficiais. As fontes que esclareceram as principais dúvidas foram as dos relatos orais. O local onde foi construída a praça dos ex-combatentes pertence até hoje a CEDAE, não pertence realmente a prefeitura, o local foi cedido pelo Governador Geremias Fontes, primo de um dos ex-combatentes.

As representações da Segunda Guerra obedecem a certos critérios especificados pelo uso público dos espaços nas cidades. A antiga estatuária do século XIX, na sua maioria, homenageava os grandes generais, ou cenas espetaculares de confrontos, tornando preservadas para as futuras gerações. Nos monumentos da Segunda Guerra a homenagem recai sobre o soldado desconhecido, o anônimo, assim esse anonimato pode ser absorvido pelo restante da população. Este personagem pode ser relacionado a qualquer sujeito, todo cidadão deve ou deveria assumir para si o espírito cívico a qual os militares achavam no direito de ser guardiões. O último levantamento de monumentos feitos para homenagear a FEB, feito em 1960, relata que já havia cerca de 109 construídos por todo o Brasil. O

monumento de São Gonçalo não está relacionado nesse levantamento, por lhe ser posterior, logo, é possível que de lá pra cá muitos outros foram construídos.

O principal monumento em homenagem aos ex-combatentes é o Monumento Nacional aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Inaugurado em 1960, o principal articulador para a construção de tal monumento foi o Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante das forças expedicionárias brasileiras na Itália. Este monumento foi uma das últimas grandes obras do Rio de Janeiro antes de deixar de ser a capital federal. O estilo modernista foi adotado em suas linhas. Estilo estava sendo utilizado nas construções públicas e que se impôs no Brasil através do patrocínio do Estado. As obras relacionadas no levantamento, em sua maioria foram patrocinadas pelo poder público, mas algumas também tiveram participação de particulares. E a obra de São Gonçalo apesar de contar com o apoio do Estado, possuiu também ampla participação de pessoas fora do poder público.

A homenagem aos ex-combatentes de São Gonçalo segue padrões próprios, apesar de possuir formas canônicas estabelecidas também em outras construções paralelas, como: o obelisco, a placa e o marco¹⁶, mas a característica de ser uma exposição ao ar livre dos objetos de guerra foge ao padrão dos demais monumentos. Além disso, a praça tem uma associação ao seu lado, que cuida de sua preservação memorial, isto é uma das suas especificidades.

A praça dedicada ao ex-combatente é uma expressão de uma memória que se pretende perpetuar, por isso tem os antecedentes de um passado onde vários grupos agiram para essa preservação. Procurou-se expressar nessa memória a idéia de que os militares são os guardiões da nação e que os seus sacrifícios não poderiam ser esquecidos. A construção da praça e da associação pode ser considerada uma herança tardia do discurso estado-novista apropriado pelo governo militar pós 64¹⁷. Com o fim da guerra, o discurso cívico apropriou-se do tema. Diz o texto de Ana Maria Maud e Daniela Ferreira Nunes, que:

¹⁵ Jornal O São Gonçalo. 10/10/1970. p 1.

¹⁶ Knauss, Paulo (coord). *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1999. p 90

¹⁷ Ap. Knauss, Paulo (coord). *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. . Rio de Janeiro: Sete Letras, 1999. p 73

O Estado, até então “dadivoso”, passou, após a Guerra, a construir em sua oratória a imagem de um povo capaz de cometer sacrifícios pela Pátria como forma de retribuição pelas dadas recebidas. Como um “batalhão”, o povo deveria demonstrar disciplina, manter ordem e vigilância. Soldado e cidadão passam a fazer parte de um enunciado político como faces de uma ideologia¹⁸.

Havia interesse do governo militar do Pós-Golpe de 64 em sua luta para manter sua influência sobre o imaginário da sociedade, engrandecer os heróis militares era um desses meios. Em específico, na localidade em que se encontra o monumento aqui estudado, ele serviu como uma forma de estabelecer um contato diário do Poder do Estado sobre as pessoas, porém, isto não se faz sem a força das alianças locais que iram garantir a governabilidade, pois não existe um Estado globalizante, ele não consegue ser total, por isso este precisa afirmar seus compromissos com as lideranças locais, mais próximos dos cidadãos. Estes micro-grupos locais ajudam o Estado a se impor e governar.

A praça como um ponto de encontro

O monumento em questão além de ser um local de luta para preservação da memória também é um dos centros da cidade, um ponto de encontro¹⁹ onde a população gonçalense carente de entretenimento usufrui o espaço público para o lazer.

Então o espaço serviu para diversas finalidades e apropriações, porém o objetivo primeiro foi construído em cima do sacrifício patriótico e da tentativa de extravasá-lo para a comunidade.

Brasil, Grandeza, Sacrifício e Nação.

Na análise utilizei um artigo que analisa o uso das propagandas do regime militar, onde este fala de si mesmo, especialmente na década de 1970²⁰, as palavras de ordem e

¹⁸ *Ibid.* p 78.

¹⁹ BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Lisboa. Edições, 70. 1987. p 87.

²⁰ CERRI, Luís Fernando. CERRI, Luís Fernando. *Imagens publicitárias como fonte para o estudo e o ensino de História na ditadura militar (1969 – 1973)*. Área do conhecimento História. Publicação destinada aos

amor a Pátria, as idéias estavam cheias de ufanismo. Era época do “ame ou deixe-o”. Parte desse discurso cívico-patriótico pode ser visto impresso nas palavras confeccionadas em placas de bronze, fixadas nos artefatos da praça, como memória e reafirmação do discurso que os ex-pracinhas queriam preservar.

Os termos “Brasil, Grandeza, Sacrifício e Nação” estavam presentes na fala oficial do governo militar, estes estão reproduzidos no espaço da Praça do Ex-Combatente, como forma de criar nos cidadãos a idéia coletiva de unicidade e patriotismo nacional²¹. Como demonstrativo de discurso coloco exemplos do que está escrito em cada artefato exposto na praça.

O monumento é uma inscrição do homem no espaço urbano, uma inscrição que, no monumento aqui estudado, se faz no cimento e no bronze, a escrita complementa a pedra, não há rivalidades. Sua significação projeta-se por diversos ângulos.

O monumento por ser uma inscrição humana tem um relacionamento íntimo com o olhar, neste caso um olhar específico sobre cidade. No planejamento de uma obra que servirá para um fim histórico a ordenação das de seus objetos segue uma ordem procurando disciplinar o olhar do transeunte para enche-lo de significação.

Todo monumento tem um ponto central, no monumento dos ex-combatentes de São Gonçalo, o ponto central está nos mastros das bandeiras junto com os brasões e o mapa. Essa centralidade demonstra preocupação com o discurso cívico-patriótico que os responsáveis pela construção queriam preservar²², pois o olhar fica dirigido aos símbolos militares (os brasões) e da unidade nacional (o mapa). Colocando os pavilhões no centro do monumento o discurso de sacrifício patriótico fica ordenado em torno das bandeiras. Toda a organização da praça converge para os pavilhões e brasões onde os eventos cívicos podem ser comemorados tendo a visão ampla dos demais objetos que compõem a praça, reforçando a idéia de sacrifício por uma Pátria representada nos seus símbolos. Procura-se com essa centralidade demonstrar a preocupação para que a dinâmica do olhar viesse a perceber sem muito esforço caráter nacionalista.

professores de História do Ensino Fundamental. Impressão equipe IBEP. São Paulo. n.º 3. P. 48 – 52. Julho de 2001. p 52.

²¹ *Ibid.* p 52.

²² Foto nº 1, cartão postal comprado na papelaria São Gonçalo.

As relações de tratamento espacial no monumento tornam-se um tanto conflituosas, pois seu centro possui dois locais próximos para os pavilhões. Um possui o nome da praça e o outro possui o mapa do Brasil e os brasões das três Forças Armadas, considero este último como o centro da praça. A praça passou por duas pseudo-reformas que somente mudaram os objetos de guerra de lugar, considero então que tais reformas não influíram na centralidade dos mastros dos pavilhões.

A origem do discurso patriótico

A questão de patriotismo é a temática recorrente no monumento estudado, os próprios pracinhas nas entrevistas demonstraram com fervor seu amor pela nação, apesar do indiferente tratamento dos poderes públicos para com eles. Esse patriotismo é uma construção ideológica muito recente na História da humanidade, essa concepção tem menos de duzentos anos, e está atrelado ao desenvolvimento das civilizações Ocidentais capitalistas. Os discursos de patriotismo estão vinculados claramente a sua periodização histórica e a construção do conceito de “Nação”, o historiador inglês Eric Hobsbawam propõem um método para classifica-la, em 1830 a idéia de “Nação” surge no vocabulário político, em seguida houve três mudanças nesta concepção ideológica: entre 1830 a 1880, fala-se em “principio da nacionalidade”; entre 1880 a 1918, fala-se em “idéia nacional” e de 1918 aos anos 50-60 do século XX, fala-se em “questão nacional”. A primeira etapa vincula a nação e território, a segunda etapa a articula à língua, à religião e à raça e terceira a consciência nacional, definida pelo conjuntos de lealdades políticas²³.

A terceira fase da idéia de Nação contou com os grandes meios de comunicação de massa (que surgiram no séc. XX como o rádio e cinema) para unir as populações em um único ideal de nacionalidade, também os grandes espetáculos esportivos, as passeatas e os grandes comícios passaram a servir como meios de imbuir na população lealdades nacionais²⁴. As idéias e conquistas das democracias liberais só se consolidaram depois da Segunda Guerra mundial como resultado das lutas populares, mas idéia de patriotismo foi um dos meios mais eficazes para controlar as tensões sociais e desviar as atenções dos

²³ CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. 3ª edição. São Paulo: Editora Perseu Abrano, 2001. p 20.

²⁴ *Ibid.* p 20.

problemas reais ou dos interesses econômicos. Os grupos dominantes do capital usaram do ideal de patriotismo como instrumento político de dominação. O estudo do assunto possui uma dimensão global, eu traço um paralelo entre a particularidade histórica da cidade de São Gonçalo, e assim leva-la para uma contextualização na história local.

De um outro lado da praça esta um obelisco feito em mármore, isto demonstra que este monumento da praça tem sua relação com os demais construídos pelo país. Porém a praça do ex-combatente de São Gonçalo tem seu caráter diferencial por ser um museu aberto. As peças de combates estão ao ar livre, são estas: um canhão antiaéreo, uma mina marítima, uma carga de profundidade (anti-submarino), um lança morteiros, um tanque de guerra, uma âncora e uma hélice de avião. Todos estes objetos foram conseguidos pelos ex-pracinhas gonçalenses.

Fica claro que o discurso preservado no monumento é um tipo específico de narrativa histórica entrelaçada com o poder vigente²⁵, e as relações da história e do poder político se fazem sentir dentro de sua perspectiva patriótica e militar.

As comemorações da FEB e o espírito de sacrifício

As comemorações da FEB seguiram-se imediatamente após o retorno da 2ª Guerra, muitos dos monumentos aos pracinhas foram logo construídos, cerca de 50% dos monumentos aos ex-combatentes foram inaugurados logo em 1945 e os demais nas duas décadas seguintes²⁶. O monumento em questão não foge a regra, ele é uma obra do final da década de 60.

Fica claro que os militares governantes se apropriaram de uma memória heróica específica, em comum acordo com os ex-combatentes e as elites políticas locais afim de usá-la como símbolo da presença do Estado federal vigiando o cotidiano dos cidadãos.

As análises demonstram que as inscrições nos monumentos procuram sobressaltar o discurso de patriotismo que os Febianos adquiriram no treinamento e forjaram nos campos de batalhas da Itália.

No monumento do morteiro está escrito:

²⁵ CARDOSO, Ciro Flamarion S e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed.Campus,1997. p 61.

²⁶ KNAUSS, Paulo (coord). *Cidade vaidosa: imagens...* op. cit. p 90.

“Na guerra e na paz, a grandeza da nação repousa no trabalho ordeiro e fecundo do seu povo e na unidade patriótica das suas classes armadas. Eternas guardiães das liberdades democráticas e da integridade Pátria”.

No monumento do Brasil, mostra-se o mapa do Brasil (da época que foi construída a praça) que diz: *“como eles... amem e defendam esta terra”*. Neste monumento estão os três símbolos das nossas Forças Armadas. E a direita o brasão do Brasil. Os mastros para as bandeiras ficam no centro da praça, lá nos eventos cívicos são hasteadas as bandeiras da cidade de São Gonçalo, do Estado do Rio de Janeiro e a do Brasil.

Também no monumento da hélice do avião se tem dizeres: *“FAB, orgulho da nação heróica na guerra e gloriosa na paz”*. Tenta-se perpetuar um discurso que diz ser preciso aderir ao um espírito de sacrifício, generalizando este espírito para o coletivo social, a história de um grupo específico, então, passa se tornar de todos.

A praça é um monumento funerário

O orgulho, a ordem e amor pela Pátria são identificados dentro desses dizeres perpetuados no metal. Outros exemplos, para ilustrar o espírito de sacrifício pela Pátria têm nos dizeres do monumento do soldado morto as seguintes inscrições: *“Aos que em holocausto à Pátria tiveram como túmulo às águas do atlântico ou a terra fria da Itália. A morredoura gratidão e imperecível saudade dos que ficaram”*.

Fica claro que um dos objetivos da construção da praça dos ex-combatentes é o de ser, também, um monumento funerário, uma obrigatoriedade que se deve aos nossos heróis, valoriza-se aqui seu sacrifício. Le Goff diz que o monumento (no sentido amplo da palavra) está ligado a memória coletiva, ele é uma tentativa de perpetuação de um passado e para entender o monumento é necessário estudar as relações de força que motivaram sua construção²⁷. A história da nação é apoiada pelos seus documentos/monumentos e os grupos no poder determinam sua utilização.

²⁷ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4ª edição da Unicamp. Campinas, 1996. p 537

O exercício do poder possui nele um ponto central, pois a construção desse monumento está relacionada com sua ótima visibilidade, estrategicamente localizado, funciona simbolicamente como um sentinela que vigia o cotidiano dos cidadãos. Esse do olhar vigilante garante o exercício da controle para um grupo privilegiado pelo poder, os militares. A praça também tem é um museu a céu aberto, e este museu serve para perpetuar uma memória específica para a coletividade²⁸.

Toda construção monumental erguida no país tem sua periodização histórica e esta relacionada com a construção do Estado nacional brasileiro numa época de lutas para o controle da população. O imaginário urbano serve como alegoria para a interpretação do ideal nacionalista imposta pelos militares. A praça e a sua associação se compõem de maneira simples no ambiente urbano, não possuem adornos, o prédio foi uma doação do governo do Estado do Rio de Janeiro e foi reconstruído no governo do prefeito João Bravo. A praça e a sua associação estão ligados a história municipal, pois os dois servem como instrumentos de identidade local com o qual os cidadãos se identificam.

O caráter autoritário do monumento

O governo municipal de São Gonçalo estava em sintonia com o regime militar. Em vários editoriais do jornal “O São Gonçalo” as comemorações da semana da pátria eram levadas a sério no mês de setembro, muitas atividades eram programadas pela prefeitura e contavam com a colaboração dos ex-combatentes da cidade²⁹.

As representações patrióticas da cidade estão relacionadas ao militarismo. Vários são os símbolos dessa união gonçalense com o regime, os políticos da área e os ex-pracinhas goncalenses as sobressaltaram, para que fossem bem perceptíveis. Um exemplo significativo é a inauguração de um colégio municipal com o nome em homenagem a Castelo Branco, que foi um ex-pracinha e presidente militar. Numa manchete de jornal o presidente da associação dos ex-combatentes da secção São Gonçalo elogia Osmar Leitão pelo ato³⁰.

²⁸ FOUCALT, Michel. *Microfísica do Poder*. São Paulo. Brasiliense, 1987. p 211.

²⁹ Manchetes do jornal O São Gonçalo anos 1968/69/70.

³⁰ Jornal O São Gonçalo, 04/12/1969. p 1.

Os governos autoritários aprenderam que a violência direta para o controle da sociedade não era eficiente, aconteciam diversas revoltas, isso era muito custoso para a máquina governamental. Então era preciso influir no plano simbólico, no cultural, neste caso no imaginário urbano.

Mas apesar da força desse olhar, ele não consegue ser vencedor. Claro que existem resistências, e o objetivo desse projeto monográfico será procurar estudar como elas se fazem, porque a vigilância constante é sempre resistida e os grupos sociais envolvidos irão se apropriar dos monumentos de maneiras diferentes³¹. Uma das formas de resistência a esse caráter disciplinador são os atos de vandalismo contra os objetos expostos na praça ou a própria associação (um exemplo disto foi que logo após a reinauguração foi pichada). Os ex-combatentes não tinham uma preocupação com a vigilância que o Estado Federal tentava impor ao conjunto da sociedade.

Seu caráter de monumento funerário demonstra que seu objetivo principal era a preservação da memória de um grupo específico e a luta deste grupo para manter sua influência sobre a política municipal. O caráter de vigilância de lado e foi perdendo espaço com o tempo. O objetivo principal também perdeu força por causa do abandono do poder público (principalmente por causa da perda de poder político e espaço dos militares na sociedade) relegando a praça e a associação a um ostracismo. Muitos dos associados com o tempo foram morrendo e a associação tende acabar por falta de membros.

O monumento como uma parte dos melhoramentos urbanísticos

A cidade de São Gonçalo passou por processo de concentração populacional extremamente rápido, após a crise de 1929 e a 2ª Guerra Mundial houve uma crise agrícola que transferiu mão-de-obra para a indústria. Isso abaixou o preço da terra na cidade. Como a cidade do Rio de Janeiro estava saturada de pessoas e os preços dos terrenos começaram a encarecer, muitos vieram para São Gonçalo como alternativa barata de moradia. As fazendas e sítios da cidade foram parcelados, pois seus proprietários precisavam de uma nova fonte de renda, para isso foi criado diversos loteamentos. No governo de Joaquim de Almeida Lavoura (1955/59), procurou-se ordenar o crescimento urbano da cidade.

³¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder... op.cit.* p 217

Diante do rápido crescimento de São Gonçalo, muitas obras foram feitas por esse prefeito. Ele construiu uma escola política local e os seus herdeiros receberam o nome de Lavouristas. Em outro mandato ele continuara as obras de melhorias, neste mandato começara a luta dos ex-combatentes de preservação de sua memória.

No decreto de nº 27/64, Lavoura, homenageou os pracinhas mortos colocando seus nomes nas ruas de São Gonçalo, aproveitando que muitas ruas foram construídas e urbanizadas. Os políticos locais precisavam urbanizar a cidade, embeleza-la. Nos anos que se seguiram os políticos locais tiveram que fazer obras que melhorassem a qualidade de vida na cidade.

Nas entrevistas com os moradores mais antigos, em suas memórias ficaram as lembranças das atividades de Joaquim Lavoura dentro do poder público. Este prefeito criou muitas praças em São Gonçalo, pois acreditava que elas eram uma alternativa barata de lazer para a população. Sua preocupação era de promover uma urbanização que desse a cidade um ar cidade mais desenvolvida e retirasse a impressão de interiorana, eliminar o seu ar rural. O grupo herdeiro político de Lavoura seguiu a mesma filosofia de construção.

Na entrevista feita com o ex-prefeito de São Gonçalo, Osmar Leitão, ele descreve que sua preocupação inicial com o local da construção da praça dos ex-combatente era o embelezamento da área. O local era da CEDAE e as tubulações de água estavam expostos enfeando o local.

Osmar é um dos herdeiros políticos de Lavoura, pertencente a um grupo político local conhecido como grupo lavourista. As praças foram e são vistas como opções baratas para o lazer das populações mais pobres da cidade, de baixo poder aquisitivo. Lavoura pensava assim e seus herdeiros continuaram com suas idéias, tanto que no governo de Osmar, que foi de 1967 a 1970, este construiu cerca de 11 praças pelo município.

A cidade de São Gonçalo possui seus centros econômicos descentralizados. Conforme a cidade crescia os centros nasceram, cresceram e morreram em certas localidades, ou então mudaram de locais. A cidade possui diversos centros (decadentes ou prósperos) e isto atrapalha a sua identidade provocando várias tentativas de rupturas³². A praça permanece como um dos centros da cidade, por causa de sua concentração populacional e o espaçamento amplo envolta deste monumento que serve para eventos

grandes (carnavais, desfiles, etc). Serve também como um elemento de união dos cidadãos gonçalenses com a história do município. Assim o monumento da praça desempenha mais um aspecto importante na construção cívica, seja nacional ou local, pois constrói e realimenta uma memória.

Sua posição estratégica permite sua influencia múltipla na vida dos cidadãos envolvidos, sua força simbólica é rica e atingem objetivos diversos, como os três já relacionados. O olhar afirma-se e reafirma-se no cotidiano, sendo disciplinado pelos discursos que o monumento, em questão, é portador. Os transeuntes estão em contato com o monumento através do lazer dos cidadãos, pois é um logradouro público ou de passagem pelo local por causa das via principal em que se localiza tal obra. . A praça está de frente a uma via principal de acesso à cidade, a Francisco Portela.

³² Como as tentativas do bairro do Alcântara de se emancipar, descrito na manchete do Jornal 'NOSSO

CAPÍTULO III - OS EX-COMBATENTES EM SÃO GONÇALO *Leis, lutas e projetos.*

I PARTE

A associação

Os ex-combatentes do nosso país possuem um estatuto próprio, que aprovaram na II Convenção Nacional Extraordinário, feita na cidade de Niterói, Estado do Rio de Janeiro, nos dias 24 e 26 de julho de 1972. A Associação do Brasil é vinculada a Federação Mundial dos Ex-combatentes da 2ª Guerra, com sede Mundial na França. A Associação do Brasil é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, que visa reunir todos os ex-combatentes do país. Associação do Brasil foi fundada em 1º de outubro de 1945 e unificada em 15 de novembro de 1946 na I Convenção Nacional, que foi realizada na cidade do Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal. Diz seu estatuto que a finalidade da associação é de reunir ex-combatentes brasileiros, sem distinção de cor, sexo, idéias político-partidárias, filosóficas ou religiosas.

As associações têm um regimento interno que estabelecem suas condutas, unificadas pelo estatuto que serve de modelo. A Associação de São Gonçalo em seu regimento estabelece uma diretoria composta por diversos elementos, são estes; o presidente, o vice-presidente, o secretário geral, o secretário adjunto, o tesoureiro, o 2º tesoureiro, o diretor de patrimônio, o diretor de educação e cultura, o diretor de esportes e lazer, o diretor de relações públicas, o diretor de assistência, o conselheiro e o orador oficial. Como pude notar, hoje em dia não existe elementos suficientes para formar tal

quadro. O presidente da associação na época de sua fundação da secção de São Gonçalo era o senhor Rubem Baptista da Silva. Quando a praça estava para ser inaugurada uma nova diretoria havia assumido sendo o novo presidente o senhor Geraldo de Athayde³³.

A fundação da praça dos ex-combatentes

Osmar Leitão Rosa mandou construir a praça dos ex-combatentes no finalzinho de seu governo³⁴, essa iniciativa foi logo elogiada pela presidência da associação de São Gonçalo, exercida pelo pres. Rubem Baptista da Silva. Tal ato representava uma vitória na luta dos ex-pracinhas³⁵. As notícias do Jornal “O São Gonçalo” sobre os ex-combatentes ocupam logo a primeira pagina, isto se deve ao fato do antigo dono do jornal ser o irmão de Silvio de Matos, Cezar Augusto de Matos. Novamente as relações de parentesco influenciaram para que os ex-combatentes de São Gonçalo tentassem assumir um lugar de destaque na sociedade gonçalense. O jornal deu muita importância aos assuntos dos ex-pracinhas, relatando seus atos, reivindicando benefícios, denunciando atos de políticos que prejudicassem o bem público.

Vários políticos e militares estiveram presentes, a inauguração seria em 10 de outubro mais foi adiada para que alguns políticos estivessem presentes³⁶. A praça dos ex-combatentes de São Gonçalo foi fundada no 24 de outubro de 1970³⁷, pelo então prefeito da cidade José Alves Barbosa (1970) que havia assumido a prefeitura, Osmar Leitão afastou-se para fazer nova campanha política.

Doação do local da sede

A sede de São Gonçalo tinha a guarda provisória do local até 13 de janeiro 1969³⁸. No ofício nº 1015/1968 do Secretário de Comunicações e Transportes, esta a permissão para a ocupação da antiga sede, situada numa propriedade do Estado. Antes da ocupação,

³³ Jornal O São Gonçalo, 17/09/1970. p 1.

³⁴ Jornal O São Gonçalo, 01/02/1970. p 1.

³⁵ Jornal O São Gonçalo. 07/02/1970. p 1.

³⁶ Jornal O São Gonçalo, 26/09/1970. p 1.

³⁷ Jornal O São Gonçalo, 10/10/1970. p 1.

³⁸ Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. 04/02/1969. p 3.

feita pelos pracinhas, a antiga sede era uma oficina abandonada de bondes. A ocupação do local foi uma luta dos ex-combatentes, reclamando junto ao Estado um local para efetuarem suas atividades.

A doação do terreno definitiva foi uma concessão do governador do Estado do Rio de Janeiro, Geremias de Matos Fontes, primo de Silvio de Matos. Conforme o Ofício nº 320/1975 a escritura do local foi transmitida a Associação de São Gonçalo dos ex-combatentes de acordo com a lei 7636, de 07 de janeiro 1975³⁹. Isto aconteceu na gestão de Geraldo de Athayde na presidência da secção de São Gonçalo, o seu vice-presidente era Silvio de Matos. A lei nº 7636, autorizava o Poder executivo do Estado do Rio De Janeiro doar o imóvel a Associação de São Gonçalo. A própria Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro decreta e o governador sanciona a lei. Na publicação do Diário Oficial consta o tamanho do terreno da associação que é 534.39 m² ⁴⁰.

Secção de São Gonçalo dos ex-combatentes foi fundada em 2 de março de 1968, portanto ela é quem vai lutar pela construção da praça. O monumento em forma de praça foi uma luta dos pracinhas gonçalenses, que queriam assim preservar sua memória. A conquista se deve à associação com o poder público municipal, foi através da ligações de amizade que foi possível tal empreendimento, como demonstra as entrevistas feitas com Osmar Leitão Rosa e os ex-combatentes.

Desde a sua construção a praça foi reformada duas vezes, uma no governo de Hairson Monteiro, em 1986, outra foi em 1991, no governo de Edson Ezequiel. Porém, os membros da Associação comentam que essas obras foram apenas de fachada, apenas mudaram alguns objetos dos lugares ou fizeram algum pedaço de jardim.

II PARTE

As leis em benefícios aos ex-combatentes

São Gonçalo não foi à única cidade a estabelecer leis que privilegiassem os ex-combatentes. Esse grupo desde de cedo reivindicou a proteção do poder público, foram muito ativos em suas lutas, motivados principalmente pelo seu próprio abandono pós a 2^a

³⁹ Decreto nº 16718 de 13 de 13/03/1975.

Grande Guerra. Muitas leis foram aprovadas logo após a volta dos pracinhas e outras foram conseguidas com o passar do tempo. Por todo país foram aprovadas leis, tanto em âmbito estadual como municipal.

Luis Ribeiro Mello elaborou um compendio com todas as leis existentes sobre os ex-combatentes até 1978. Um livro que foi usado como base por Osmar Leitão, então deputado federal, quando este lutou pela aprovação da lei que dava um soldo igual ao de 2º tenente aos ex-combatentes⁴¹. Osmar estudou as leis existentes até 1978 para criar uma nova lei em 1980, em benefício aos ex-combatentes. Osmar se envolveu de tal forma com os ex-combatentes a ponto de lutar para que estes tivessem um amparo maior do governo. No projeto de lei esta escrito que a nova lei concederia vantagens aos ex-combatentes, no artigo 1º, estava estabelecido que o Congresso Nacional decretaria que os ex-combatentes passariam da condição de pensionistas militares para de reformados e com proventos equivalentes aos de 2º tenente.

Leis de imposto predial do município em favor dos ex-combatentes

Antes da construção da associação ou da praça, os ex-combatentes já haviam conseguido alguns direitos no município, algumas leis foram aprovadas em benefício dos pracinhas. Como lei de nº 419/63, de Lavoura (1963/66), que foi aprovada sem discussão⁴² na Câmara Municipal, que concedeu isenção de imposto predial aos ex-combatentes da Grande Guerra Mundial. A deliberação era extensiva as viúvas dos ex-combatentes. Os políticos municipais tentaram ajudar os ex-combatentes com leis que os beneficiassem, visto que o poder Federal não o fazia. Já a lei nº 186 de 11 de novembro de 1988, de autoria de Antonio Raposo, também trata da mesma isenção, só que era ainda mais extensiva. A ementa isenta sobre a propriedade predial os imóveis que servem de residência dos ex-combatentes e dão outras providências. Esta lei revogava a anterior, de 1963.

⁴⁰ Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro. 08/01/1975. p 1.

⁴¹ Lei federal nº 4034, de 1980.

⁴² Ata da Câmara dos vereadores. 1963.

O decreto-lei do prefeito para colocar nomes nas ruas recém-construídas

A participação política dos pracinhas influenciou nas homenagens dentro da cidade, graças as suas amizades e os parentescos dentro do Poder público. As homenagens começaram no 2º governo de Lavoura (1963/66), em seu decreto de nº 27/63⁴³, que considerava sobre as áreas loteadas achou-se por bem colocar nomes nas ruas, recém-construídas nomes do ex-combatentes já falecidos. Estas ruas tinham apenas números ou letras para denomina-las, dificultando sua localização. Este decreto foi um ato do prefeito por isso não passa pela aprovação da Câmara.

Numa parte do decreto esta escrito;

“ considerando que, a atual administração é contrária, salvo motivo excepcional, se dar denominações de pessoas vivas aos logradouros oficiais do município, pois lhe cumpre o dever imperioso de render suas mais justas homenagens póstumas, aqueles que, em vida, souberam sob qualquer título e de qualquer forma honrar o nome tão glorioso de nossa querida Pátria. considerando que, poucos anos são passados do ultimo conflito mundial e, já vivem em lamentável esquecimento os valorosos e inolvidáveis componentes da Força Expedicionária Brasileira, especialmente, aqueles que tombaram no campo de batalha na defesa intransigente da democracia e da Pátria, procurando conservar intangível a nossa terra tão hospitaleira; “

Havia necessidade de dar nomes as ruas e ao mesmo tempo homenagear, tudo isto motivado pelas amizades políticas que os ex-combatentes tinham com Lavoura e os políticos aliados a ele.

O discurso cívico-patriótico é evocado na fala do prefeito Lavoura, a homenagem foi para os heróis mortos e esquecidos, seus nomes agora estariam gravados nas placas indicativas dos logradouros oficiais. O tipo de narrativa em que o monumento está associado e o de uma História política tradicional, baseada nos grandes acontecimentos e ações dos heróis. O documento/monumento não é algo transparente, ele está relacionado ao tempo em que foi confeccionado, pois o homem e a sua cultura são um produto desse

⁴³ Livro 286 dos Anais da Câmara dos vereadores.

tempo. O monumento do ex-combatente de São Gonçalo não é exceção, sua concepção possui esses valores.

A prefeitura continuou a conceder mais benefícios aos pracinhas, essas concessões foram frutos da atuação da Associação de São Gonçalo. Desde sua fundação a Associação serviu como núcleo agregador dos ex-combatentes que viviam em São Gonçalo, reivindicando direitos e se fazendo presente na vida social do município.

A lei de isenção de pagamento de sepultura

A lei nº 02/81, de 8 de maio de 1981, é um exemplo dessas lutas, esta concede a família do ex-combatente, cujo último domicílio fosse na cidade de São Gonçalo, isenção de pagamento de sepultura em qualquer cemitério da cidade, esta é um decreto do prefeito Arismar Dias (também um lavourista, 1980/81).

A lei que tornava associação uma utilidade pública

Porém, a Associação em São Gonçalo tomou uma dimensão maior com a lei que a tornou de utilidade pública, um projeto de Antonio Raposo, pleiteado pelos ex-combatentes de São Gonçalo. Isto aconteceu no 2º governo Hairsom Monteiro (1985/88), a partir desse momento ela ficava isenta de vários impostos municipais⁴⁴.

A Associação com o passar do tempo começou a ter dificuldades financeiras, pois seus membros passaram a morrer, dificultando a manutenção da própria associação. Os associados até hoje contribuem economicamente para a sua manutenção. Por terem poucos membros, conseqüentemente possuem dificuldades para se manter. Novamente, essa lei foi uma conquista dos membros da Associação, principalmente do mais empenhado, o senhor Silvio de Mattos.

⁴⁴ Lei nº 172/1988.

A lei da criação da Biblioteca e museu do Ex-combatente

Essa lei preparava a possibilidade de uma participação maior da prefeitura na manutenção da associação e na construção de um projeto maior para a preservação da memória dos ex-combatentes em São Gonçalo, que analisarei no próximo capítulo.

III PARTE

As entrevistas

O recuso das entrevistas

Utilizei também como uma das metodologias de pesquisa os métodos de História Oral (fonte não-escrita). As entrevistas não foram apenas um complemento na minha pesquisa, mas se demonstraram essenciais para o meu estudo.

A entrevista com Osmar Leitão Rosa

No dia 02 de novembro de 2002, entrevistei o senhor Osmar Leitão Rosa, ex-prefeito de São Gonçalo, este senhor foi um incansável defensor dos interesses dos ex-combatentes. Graças a sua intervenção junto com alguns outros personagens foi possível a instalação da sede da associação no bairro do Paraíso. Osmar também conseguiu a aprovação de uma lei que amparasse melhor os ex-combatentes, amenizando a situação deles, visto que desde a volta da guerra o poder público pouco havia feito. Osmar sempre foi muito ligado aos ex-combatentes, principalmente por que duas pessoas que estiveram no conflito trabalhavam com ele, na época em que estava na Prefeitura de São Gonçalo.

Os nomes dos mortos da guerra foram usados, através da ação de Osmar, juntamente com os dos ex-combatentes, quando a cidade precisou nomear as ruas que foram construídas na época dos grandes loteamentos Este feito estreitou ainda mais a amizade de Osmar com os ex-combatentes e influenciou sua vida política. Osmar ainda

intercedeu ao governador do estado (Geremias de Matos fontes) para que houvesse a doação de uma sede apropriada para os ex-combatentes.

Um dos motivos da construção da praça, relatado na entrevista, foi que o local antes pertencia a CEDAE, e estava esteticamente maltratada, precisava ser embelezada, urbanizada. Esta preocupação foi recorrente na cabeça dos representantes do grupo labourista.

Quando a idéia de construir uma praça surgiu pensou-se que esta poderia ser uma ótima maneira de homenagear os ex-combatentes. Pois no local ao lado do terreno da CEDAE, estava antigo prédio que servia para associação. O prédio antigo foi uma doação do governo estadual para a associação de São Gonçalo, este prédio pertencia a uma companhia de bondes já extinta. A idéia de associar os ex-combatentes com a construção da praça se relaciona com as lutas empreendidas pelo grupo de pracinhas do local ao lado. A prefeitura fez a obra toda da praça e os ex-combatentes requisitaram as Forças Armadas os objetos bélicos que estes ficaram expostos.

Na época da construção da praça o presidente da Associação de São Gonçalo era o senhor Geraldo de Athayde e o tesoureiro era Itamar Meirelhes, este último trabalhava com Osmar Leitão. Geremias de Matos Fontes, então governador, ajudou no projeto, pois este político tinha diversas ligações de parentesco com militares que moravam em São Gonçalo, a família Matos, e também pertencia a ARENA, partido político situacionista que o grupo labourista pertencia.

A entrevista com Silvio de Matos, ex-combatente gonçalense

A entrevista foi no dia 18 de dezembro de 2002, com o senhor Silvio de Matos atual presidente da Associação de São Gonçalo. O senhor Silvio de Matos, serviu como cabo escrevente na FEB. A entrevista coincidiu com um dia triste para os ex-combatentes, pois havia sido enterrado naquele dia o General Plínio Pitaluga, herói de guerra e presidente da Associação dos Ex-combatentes do Brasil. A entrevista seguiu com um certo pesar, tristeza e um pouco de frustração.

Seu Silvio logo se queixou do desprestígio que se encontrava a associação, no país e especificamente na cidade. Silvio foi um batalhador pelas causas dos ex-combatentes, mas

se diz cansado da pouca atenção do poder público e indiferença da população. Na sua fala ele diz que pleiteou ao Ministério da Cultura e Educação incentivos fiscais para a associação e nunca conseguiu⁴⁵.

Ele diz que já haviam se passado 61 anos do fim da 2ª Grande Guerra e pouco foi feito em pró dos ex-combatentes. Silvio diz: “*Os ex-combatentes estão no fim, e o que fizemos ficou como uma passagem obscura na História*”, essa mensagem já revela um sentimento de abandono. Continuando seu discurso diz que os ex-combatentes estão desprestigiados e que hoje só servem para que os governantes batam palmas em dias de solenidade. É interessante notar que na época da criação da FEB esta foi uma importante para a modernização do país, e depois da Guerra, os febianos tiveram uma importância política relevante no Brasil. Nos tempos atuais seu reduzido número de membros e a idade avançada destes, limitaram sua importância na sociedade, isso com certeza influenciou para que os antigos pracinhas fossem esquecidos pelo conjunto da sociedade.

No decorrer da entrevista falamos sobre a fundação associação na cidade em 1968. Os ex-combatentes acreditavam que após a da Associação teriam um papel mais proeminente em São Gonçalo. Foi uma vã ilusão. Os ex-combatentes já estavam em situação precária, pois muitos já tinham morrido, comprometendo o bom funcionamento da associação já de início.

E quando, enfim, a prefeitura teve a idéia de colaborar (na década de 1990) com os pracinhas, a ação foi desprestigiada pela população local. Enquanto a obra da nova sede acontecia à comunidade surrupiava os materiais que iriam ser usados para a construção.

A originalidade da praça

Para os ex-combatentes a praça de São Gonçalo é considerada o monumento mais representativo da atuação do Brasil na Segunda Guerra. Não existe no país nenhuma outra praça totalmente dedicada aos ex-combatentes. A praça de São Gonçalo é original, pois é a única que possui expostos em seus quatro cantos objetos bélicos que serviram na Guerra.

O presidente da Associação de São Gonçalo diz que em Curitiba há exposto um objeto bélico, um avião thunderboard, mas este pertence ao jardim da casa do

⁴⁵ Como tentar vincular a associação na Lei nº 7.505, de 2 de julho de 1986.

Expedicionário de Curitiba. Portanto não pode considerado parte de uma obra pública, como acontece em São Gonçalo.

A entrevista foi interrompida várias vezes em que o entrevistado emitiu considerações sobre a situação atual do exército e do país. O entrevistado também demonstrou conhecer bem a história da cidade.

Nessa entrevista ficou esclarecido que São Gonçalo enviou um bom contingente de soldados, nascido na cidade, cerca de 110 homens. Isto se deve ao fato de que na época do embate a cidade contava com um Regimento de Infantaria (o 3º RI, que depois mudou o nome para 3º BI, Batalhão de Infantaria) este contava com soldados das três Forças Armadas que lá treinavam. Antes da Guerra, o coronel Zenóbio da Costa comandava a unidade; quando foi designado para FEB, então como General, vinha pessoalmente a unidade escolher os melhores homens para se tornarem expedicionários.

O fim da associação

Hoje em dia no quadro de membros da Associação gonçalense o número total é cinco integrantes. A Associação em todo país já havia contado com cerca de seis mil sócios. O numero atual dos membros não consegue suprir os gastos funcionais da associação, visto que cada membro contribui com cinco reais, dando um total de 25 reais. E para integrar a associação é preciso ter servido na Guerra, e ter protegido as ilhas oceânicas e o litoral. Logo a Associação tende a desaparecer, pois seus quadros não podem se repostos por causa do próprio estatuto. Quando o último combatente morrer, a prefeitura municipal assumira a administração da associação.

O discurso cívico-patriótico é ainda bem vivo

Os ex-combatentes preservam ainda muito o discurso patriótico que receberam de seu treinamento, ficou gravado em seus corações o espírito de sacrifício pela nação. Isso se deve ao fato das perdas sofridas na Guerra, o senhor Silvio de Matos faz questão de relatar o número de mortos da Marinha de Guerra (mais de 2600) e do Exército (554) e no total cerca de 3000 feridos.

Espaço para recreação e celebração da vida

O local da associação tem duas mesas de sinuca (compradas com o dinheiro deles), a única recreação no prédio.

Como não pode entrar novo sócio foi criada a categoria de sócio cooperativo, são pessoas que ajudam no funcionamento da associação, geralmente são senhoras. Como falou seu Silvio, é necessário trazer pessoas para o local para alegrar o ambiente. O ex-combatente precisa se alegrar para continuar vivendo.

Na quinta há uma seresta dançante, no domingo acontece uma domingueira à tarde (17: 00 h) para pessoas da terceira idade.

Os objetos dentro da associação

São poucos os objetos dentro da associação, seus poucos recursos não permitiram a criação de um grande acervo pois eles não teriam como preservá-los devidamente.

Os ex-combatentes de São Gonçalo e o regime militar

Durante o regime militar, os pracinhas nunca deixaram de ter apoio dos militares, estes sempre estiveram presentes nas solenidades promovidas pelos ex-combatentes. Nas solenidades da tomada de Monte Castelo, da comemoração do fim da 2ª Segunda Guerra e de 07 de setembro os militares da ativa sempre estiveram presentes.

Há exemplos de como essa aliança se estabeleceu na cidade, no Jornal oficial da cidade, a Câmara faz saudações a Revolução (O Golpe)⁴⁶, em outra matéria do em dia diferente O governador Geremias de Matos Fontes elogia a revolução como a expressão que irar liga os brasileiros na construção de uma nação mais democrática⁴⁷, num discurso proferido na Câmara municipal de Barra do Piraí. O governador era filiado ao partido ARENA, partido da situação no país, partido do governo federal. Este partido dominava a

⁴⁶ Jornal O São Gonçalo, 02/05/1968. p 1.

⁴⁷ Jornal O São Gonçalo, 21/05 1968. p 1.

política no Estado do Rio de Janeiro e também em São Gonçalo, o grupo lavourista era todo pertencente à ARENA.

Hoje, com o quadro reduzido de membros, os ex-combatentes não fazem mais estas solenidades na praça, apesar de ainda participarem dos desfiles cívico-militares de São Gonçalo. Os ex-combatentes sempre abriram o desfiles comemorativos da cidade, mas como eles mesmo dizem só são aplaudidos e logo esquecidos. A nossa sociedade é outra, não há interesse mais na preservação e/ou utilização do discurso que os ex-combatentes ofereciam, no regime militar havia essa preocupação por isso o monumento era importante. O 3º BI mandava soldados para a praça, para cuidar de sua conservação, pintando-a e capinando seus jardins. Mas isso foi em outra época.

O medo do esquecimento público

Os ex-combatentes estão cansados da luta por reconhecimento do poder público do município, a Associação mandou mais de 50 Ofícios convidando vereadores para as solenidades, nunca algum compareceu a qualquer evento. O medo é que com a morte do último combatente a praça e a associação fiquem abandonadas. A praça e a associação são bens inalienáveis que não podem ser usadas para outros fins, que não o de utilidade pública.

CAPITULO IV - A MEMÓRIA MONUMENTAL

Suas apropriações

João Bravo é quem realizar o projeto

Os ex-combatentes são personagens presentes na vida política de São Gonçalo, eram eles que abriam o desfile cívico-militar pela comemoração da emancipação política da cidade. Durante muitos anos a praça foi palco de eventos cívico-militares em que havia participação de escolas e populares. O projeto de um museu e de uma biblioteca não nasceu do acaso, os pracinhas estão presente nas história municipal. O projeto do museu é uma idéia antiga dos ex-combatentes, essa construção começou a ser planejada no governo Hairson Monteiro (1985/88). Mas foi consolidado na administração do prefeito João Bravo (1992/96).

Os ex-combatentes procuraram João Bravo para a construção da biblioteca histórica e do museu, além construção da nova sede, pois o antigo prédio estava em um estado lastimável. O idealizador e planejador da obra foi seu Silvio de Matos, que incansavelmente lutou por sua realização. A idéia foi bem aceita, mas não se concretizou totalmente, pois as Secretárias do governos municipal não deram nenhum amparo posterior, após o fim da obras.

O projeto de construir um prédio para abrigar uma biblioteca histórica e um museu foi idealizado por Silvio de Matos⁴⁸, presidente da Associação. Desde o 2º governo de Hairson Monteiro estava sendo analisado o projeto pela divisão de planejamento, tentando adequá-la a lei de incentivos culturais da lei federal nº7505. Osmar esteve envolvido nesta

⁴⁸ Jornal O São Gonçalo, 22/09/1992. p 3.

negociação, porém, a resposta de Brasília foi negativa porque a Associação não se adequava as cláusulas da lei⁴⁹, o pedido foi indeferido.

Com o impasse das autoridades públicas, os ex-combatentes agilizaram a construção da nova obra através de doações de particulares, conseguidas na década de 1990, através de festas e venda de convites de almoços.

A idéia era que a Associação contasse com eventos físicos esportivos, com um atleta para organiza-los, também com cursos de musica para um numero de 28 pessoas, organizados por um maestro. A associação contaria também com cursos profissionalizantes, como de datilografia, corte e costura e artesanato, além de cursos de violão, canto e flauta. Nenhuma dessas idéias se concretizaram, não havia interesse público com a Associação.

A criação do museu agradou representantes das Forças Armadas e ex-combatentes do país, um general da reserva, que foi um ex-combatente, agradeceu a idéia de tal empreendimento, o seu nome era Plínio Pitaluga, presidente do Conselho Nacional dos Ex-Combatentes do Brasil⁵⁰.

Na ocasião do 50º aniversário⁵¹ do final da Segunda Guerra, o prefeito João Bravo e o secretário de Educação, prof. Marcos Souza Costa e Franco, deram apoio integral para a construção da nova sede e do museu. Novamente a mobilização dos membros da Associação deu resultado. O projeto incluía a implantação de uma biblioteca e de um museu do ex-combatente, estes serviriam para mostrar e preservar a memória do heroísmo dos pracinhas⁵². No projeto também estava idealizado um salão que teria múltiplas utilidades (reuniões, conferencias, projeções de filmes educativos, slides e vídeo).

Na ata da 12ª sessão do 2º período legislativo, no dia 24 de agosto de 1995, foi colocada em votação a mensagem do governo municipal, que pede autorização para que o governo municipal entrassem em acordo com associação dos ex-combatentes, a mensagem foi aprovada imediatamente. Nesta mensagem⁵³ inicial para a Câmara verificamos que a intenção era de implantar o museu e a biblioteca;

⁴⁹ Ofício da Coordenadoria do cadastro nacional de pessoas jurídicas de natureza cultural, para a Associação secção de São Gonçalo. 26/09/1989.

⁵⁰ Jornal O São Gonçalo, 01/01/1995. p 4.

⁵¹ Jornal O São Gonçalo, 02/05/1995. p 3.

⁵² Jornal O São Gonçalo, 03/01/1995. p 4.

⁵³ Mensagem do prefeito. nº 016/1995.

“Tenho a honra e a satisfação de encaminhar a essa Casa Legislativa o projeto de lei que autoriza o Poder Executivo a pactuar Convênio com Associação do Ex-combatentes-seccção São Gonçalo, com vistas a possibilitar a instalação da Biblioteca Histórica e do Museu do Ex-combatente.”

Na mesma mensagem já é relacionada à preocupação de desenvolver a cultura na cidade através da obra, e através de parceria a obra seria completada;

“Trata-se de iniciativa em regime de parceria envolvendo a prefeitura de São Gonçalo e a Associação do Ex-combatentes-seccção São Gonçalo. Esta cederia a área física (área de terreno e benfeitorias já existentes), em regime de comodato (prazo a ser estabelecido de comum acordo entre as partes), aquela realizaria as intervenções necessárias (de recuperação, adaptação e obras de ampliação), visando ao futuro funcionamento, na atual sede da associação dos Ex-combatentes, secção São Gonçalo, de (1) sede da associação dos Ex-combatentes, secção São Gonçalo; (2) de Biblioteca Histórica; (3) Museu do Ex-combatente; (4) Administração da Biblioteca Histórica e do Museu; (5) auditório polivalente (espaço para palestras, conferências, reuniões sócio-culturais, projeções de imagem/som e eventos culturais-recreativos destinados ao cidadão de terceira idade”.

A mensagem continua fazendo referências aos ex-combatentes, como sendo depositário de acervo precioso importante para história do Brasil e de São Gonçalo. Ainda trata da possibilidade de tal empreendimento poder ser uma alternativa turística-cultural para a cidade.

O exercito, a marinha e a aeronáutica iriam cooperar para a construção das instalações. Estava previsto que o patrimônio pertenceria a prefeitura como bem inalienável, o projeto conseguiu aprovação sem muitas discussões.

A nova fachada do prédio e o projeto de arquitetura foram de Angelita Maria Rezende Guedes⁵⁴.O projeto foi bem aceito pelo ex-combatentes, em uma manchete de jornal o prefeito João Bravo é alegremente recepcionado pelos membros da secção do

Paraíso.⁵⁵ Uma das resoluções de Bravo foi à retirada dos 20 trailers que invadiram a área da praça. Resolução que não agradou muitos moradores, pois estes achavam mais segura a praça quando os trailers estavam na área. Já os ex-combatentes gostaram, pois não queriam seu monumento manchado por um comércio irregular. Mas Bravo retirou todos os trailers de áreas públicas, e não somente da Praça dos ex-combatentes

Os ex-combatentes reivindicavam na época dessa visita uma laje a ser construída na área de lazer, a pista de dança, o calçamento envolta da Associação e uma rede de esgoto. A idéia dos ex-combatentes era preservar o seu patrimônio para serviço de estudantes e a própria população, mantendo a imagem dos que defendiam a Pátria dos seus inimigos.

Esse projeto alegrou demais os ex-combatentes aumentando muito suas expectativas de verem sua memória preservada para as futuras gerações. A obra começou a ser muito elogiada⁵⁶, o então deputado federal Hairson Monteiro (um dos interessados no projeto) fez um pronunciamento na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro elogiando o projeto e citou Osmar Leitão como o intercessor junto ao governador Geremias Fontes para a concessão da área para associação, em 1968.

Com a perspectiva de uma nova sede e de criação de projetos para a associação, as comemorações dos pracinhas, em São Gonçalo, tiveram um novo ânimo. Como a solenidade de comemoração do dia da Vitória⁵⁷, 18 de maio, o externato Santa Teresinha de Jesus, no centro de São Gonçalo, tornou-se palco de políticos. Estavam presentes várias autoridades civis e militares, inclusive o vice-cônsul de Portugal, um brigadeiro comandante, um sub-tenente, o senhor Silvio de Matos, presidente da Associação de São Gonçalo, e o prefeito João Bravo.

A nova sede foi inaugurada no dia 30 de dezembro de 1996, no final do governo Bravo⁵⁸. O prédio anterior foi uma doação do governo do Estado do Rio de Janeiro e funcionava como sede da Associação desde 1968, e foi demolido pela prefeitura. A Associação contava agora com uma nova fachada, um salão de festas, secretaria, área de lazer, cantina, biblioteca, banheiros e garagem. A inauguração quase foi prejudicada por

⁵⁴ Jornal.O São Gonçalo, 03/01/1995. p 3.

⁵⁵ Jornal O São Gonçalo, 14/02/1995. p 2.

⁵⁶ Jornal O Nosso Jornal, 13 a 19/05 de 95. p 4.

⁵⁷ Jornal O São Gonçalo, 10 a 16/06/1995. p 3.

⁵⁸ Jornal O São Gonçalo, 7 a 8/01/1997. p 2.

uma pichação feita na madrugada anterior, a nova sede teve que ser repintada antes da solenidade.

O projeto não foi cumprido totalmente

Apesar de tudo, as esperanças dos membros da Associação acabaram sendo frustradas pela péssima obra feita e muitas de suas aspirações não foram realizadas. As intervenções foram incompletas, mal acabadas e insuficientes para realização do museu e biblioteca, sem ajuda do município os ex-combatentes não tiveram recursos para concluir todo o projeto inicial. O museu vive de forma precária, mantido pelos poucos membros e a biblioteca não existe, já as demais áreas não são plenamente aproveitadas.

Fotos sobre a associação e da praça hoje em dia

Atualmente os dois monumentos sofrem com o abandono público e a falta de recursos dos ex-combatentes. Os monumentos permanecem pichados e depredados em algumas áreas. O monumento da âncora, no bloco em forma de V está danificado aparecendo uma parte da viga. No do canhão anti-aéreo a placa de metal foi roubada. O monumento dos brasões está imundo por causa das pichações, precisando ser recuperado. Sem contar que os demais monumentos externos (isto é, os da praça) encontram-se mal conservados precisando de restaurações. Mas o terreno da praça não pertence à prefeitura, mas a CEDAE por isso do governo do Estado, então a prefeitura não se sente muito na obrigação de conservar a praça.

A associação por dentro está muito mal conservada, principalmente porque a obra não foi realizada como deveria ter sido. A associação precisa de uma laje, coisa que deveria ter sido construída na época mas não foi. O chão da associação é de cimento colorido, demonstrando que a prefeitura não fez um bom acabamento na obra. As promessas da construção da biblioteca e do museu não foram cumpridas, interessante notar que o término e inauguração da obra foi no final do mandato de João Barbosa Bravo. Com o final deste governo quem poderia então reclamar com ele, pois já não estava no poder.

Os objetos que estão expostos na associação precisam ser realocados no espaço de uma maneira mais eficaz. As balas do canhão estão num canto da sala em que os ex-combatentes usam para jogar sinuca, o quadro do roteiro de campanha da FEB estava no chão escondido atrás de uma mesa. O expositor de fotos precisa ser preenchido.

CONCLUSÃO

LEVANTAMENTO GERAL

Os projetos permanecem

Considerações

As lutas pela preservação da memória dos ex-combatentes em São Gonçalo constituem uma parte importante da história da cidade, mas o poder público municipal atualmente não tem interesse de preservar esta memória, pois existem outras prioridades maiores dentro da cidade. A pouca documentação e as dificuldades de se ter acesso a elas desanimam a concretização dos trabalhos de pesquisa. Porém, é gratificante a descoberta das linhas do passado em que os seus personagens históricos atuaram.

O monumento foi construído através das lutas políticas de um determinado grupo, os ex-combatentes de São Gonçalo, que queriam estabelecer na cidade uma referência monumental de sua identidade. O grupo de São Gonçalo era um reflexo dos demais grupos de ex-combatentes do país que também lutavam em suas causas tanto que estes conseguiram várias aprovações de leis que amenizassem sua situação de penúria. A construção da sede e da praça são conquistas do grupo local mas também são fontes de preocupação, pois a preservação dos monumentos ainda não está, para eles, assegurada. Diante do estado atual dos monumentos esse medo não parece infundado.

Um dos símbolos para a unidade de São Gonçalo

Os monumentos são marcos históricos visíveis que servem para integração política da cidade. As construções servem para lembrar que um grupo de gonçalenses heróico deram sua vida na Itália, lutando pela democracia, como diz vários documentos municipais. Esta mesma democracia firmada pela prefeitura da cidade. Esse discurso consegue ser anacrônico no tocante à parte em que diz que a os pracinhas lutaram pela preservação da democracia no exterior enquanto o regime interno do país não era nada democrático.

Os discursos patrióticos fazem parte das construções em torno dos monumentos, o patriotismo é exaltado como uma única maneira de amar a nação brasileira. A força desses discursos é mantida pelos ex-combatentes, ainda muito vivo em seus comentários.

O poder simbólico de vigilância exercido pelos dois monumentos ficou em segundo plano. Foi exaltado dentro das construções a concepção do espírito de sacrifício cívico assumido pelas forças armadas, sendo usado para legitimar a certeza de que a Pátria estava sendo bem governada. O caráter de vigilância nunca foi muito forte e se extinguiu com a abertura política.

Meu interesse

Meu interesse pela praça se deve ao fato de ser um morador local e ter passado parte de minha infância aproveitando dos recursos do monumento. Com minha entrada no meio acadêmico minha forma de olhar o monumento modificou-se, não sendo um olhar apenas emotivo, mas voltado para o interesse científico motivado pelas novas formas de conhecimento adquiridas. Meu olhar em relação aos monumentos passa agora por um novo prisma: o da descoberta prazerosa. Procurei descobrir as motivações da construção de tais símbolos usando métodos da ciência histórica.

Descobrir que as lutas pela preservação memorial do grupo dos ex-combatentes foram conseguidas através das relações de amizade políticas entre os ex-combatentes e os poderes públicos municipais e estaduais. Essas lutas não acabaram, elas continuam, apesar deles estarem cansados devido, principalmente as suas idades avançadas. No momento, a preocupação é com o fim do último ex-combatente de São Gonçalo sua memória não seja preservada para a posteridade.

A história local da cidade de São Gonçalo é pouco explorada por isso pouco conhecida. Ao longo do tempo muitos agentes foram ativos para a construção de uma sociedade gonçalense com características próprias, singulares na maneira de fazer política para cidade. Há muitas possibilidades do uso da história local, de forma pedagógica, como um meio de trabalhar a identidade de grupos relacionados com os monumentos, coisa que pretendo fazer.

FONTES

FONTES PRIMÁRIAS

As fontes primárias usadas foram estas:

Arquivo da associação dos ex-combatentes, seção de São Gonçalo. Este arquivo possui documentação e iconografia sobre a praça e a associação.

Arquivo do ICBEU – MEMOR: recortes de jornais sobre a História de São Gonçalo.

Entrevista com ex-prefeito Osmar Leitão Rosa

Entrevistas com os ex- combatentes de São Gonçalo.

Prefeitura de São Gonçalo; Arquivo da secretária de Patrimônio (atos dos Prefeitos, 1931–1980) discursos, decretos, leis e doações.

Periódicos do jornal “O São Gonçalo”; 1968-1996⁵⁹.

FONTES SECUNDÁRIAS

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Lisboa. Edições, 70,1987.

BETHEL, Leslie e ROXBOROUGH, Ian (org). *A América latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

⁵⁹ GONÇALVES, Márcia de Almeida e RESNIK, Luis. *Guia de fontes para História e São Gonçalo*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica da UERJ, 1999.p 46.

BONALUME NETO, Ricardo. *A Nossa Segunda Guerra: Os brasileiros em combate, 1942-1945*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. *Uma introdução a História*. São Paulo. Brasiliense, 1986.

CARDOSO, Ciro Flamarion S e VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 1997.

CERRI, Luís Fernando. *Imagens publicitárias como fonte para o estudo e o ensino de História na ditadura militar (1969 – 1973)*. Área do conhecimento História. Publicação destinada aos professores de História do Ensino Fundamental. Impressão equipe IBEP. São Paulo. n.º 3. P. 48 – 52. Julho de 2001

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. 3ª edição. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991*. São Paulo, companhia da Letras, 1994.

GONÇALVES, Márcia de Almeida e RESNIK, Luis. *Guia de fontes para História de São Gonçalo*. Rio de Janeiro: Ed. Gráfica da UERJ, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo. Brasiliense, 1987.

JOUTARD, Philippe. “*História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos*”, in FERREIRA, Marieta de Moraes e Amado, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4ª edição da Unicamp. Campinas, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 3ª edição. Edições Loyola. São Paulo, 1996.

MELLO, Luis Ribeiro. *A Legislação do Ex-combatente*. Editora Expedicionário Ltda. Rio de Janeiro, 1978.

MOURA, Gerson. *Sucessos e Ilusões*. Editora FGV, Rio de Janeiro, 1991.

POLLAK, Michel. ‘*memória, esquecimento, silêncio*’, *Estudos Históricos*, vol.2, n.º 3, 1989.

_____. *Memória e identidade social*”, *Estudos Históricos*, vol. 5, n.º 10, 1992.

REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 2000.

KNAUSS, Paulo (coord). *Cidade vaidosa: imagens urbanas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1999.

_____. *Imagens urbanas e o poder simbólico*. Niterói: PPGH-UFF, 1998 (tese de doutorado).

SOARES, Leonércio. *Verdades e Vergonha da Força Expedicionária Brasileira*. Curitiba. Edição do autor, 1985.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral/ Paul Thompson* ; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WAACK, Alexandre Paulo Auler. *Entre a Glória e a infância: novas perspectivas para a Força Expedicionária Brasileira*. 2002. 128 f. Monografia (graduação de Licenciatura em História) – Faculdade de Formação de Professores, UERJ, São Gonçalo, 2002.